

McINTOSH, Mark A. **Divine teaching**. an introduction to Christian theology. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. 252p.

Ensino divino. Uma introdução à teologia cristã

João Batista Libanio*

O autor, como professor de teologia sistemática e espiritualidade, lecionou na Universidade Loyola, Chicago, por quinze anos em nível de graduação e doutorado. Como sacerdote anglicano, exerceu o ministério de teólogo canonista do bispo presidente e primaz.

A meta do autor não é tanto traçar-nos a longa história da teologia cristã nem fazer teologia para o leitor, mas antes guiá-lo a fazê-la ele mesmo, ao dar-lhe o gosto de aprender de Deus e não sobre Deus. Há base racional para aceitar que Deus existe e é digno de ser ouvido.

A primeira parte chama-se precisamente: “Tornando-se teólogo”. Num primeiro capítulo, o autor faz de Deus o sujeito que forma o teólogo. Coisa pior não pode acontecer ao teólogo cristão do que tomar-se demasiadamente a sério. Acompanha o convívio com a teologia a experiência de admiração, de espanto que tem a ver com a realidade que o teólogo procura entender. Existe misteriosa afinidade entre o objeto da teologia e o teólogo. Se um geólogo aprende das rochas, um psicólogo das pessoas, o teólogo o faz muito mais de Deus. Ele cria afinidade e simbiose com Deus, objeto de seus estudos, o qual cria nele atitudes de fé, esperança e caridade. Virtudes teológicas que o fazem participar da vida divina, segundo Santo Tomás.

O que acontece com o teólogo e como ele é moldado pelo encontro com Deus? É a Trindade a fonte inundante da teologia cristã e o verdadeiro mestre dos teólogos. A teologia vive contínuo perigo de escapar de uma disciplina respeitável levada por teólogo para a participação misteriosa no modo de vida, de fala, de conhecimento e de amor de Deus. Assim se pensa a teologia cristã. Por quê?

Porque os primeiros seguidores de Jesus pensaram naquilo que lhes aconteceu na convivência com Ele. Assim nos perguntamos o que acontece com um teólogo no encontro com Deus. Este molda-lhe o que

* Doutor em Teologia (Gregoria-Roma) e professor da Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), e-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br.

pensa, sente a respeito de tudo. Para os discípulos o ponto crucial foram as experiências da ressurreição e de pentecostes que os transformaram.

A fonte secreta da teologia é a vida trinitária de Deus. A teologia, ao longo dos séculos, foi forma de oração e de comunhão com Deus, na qual, em última análise, o pensar do teólogo sobre Deus vem da vida como presença de Deus na vida do teólogo. E a fé então é necessária para estudar teologia? Não necessariamente. Necessário saber que as comunidades cristãs creem que a teologia brota de seu encontro com Deus. Cabe admitir que a teologia cristã é uma expressão de transformação permanente do mundo no encontro com Deus.

No segundo capítulo, continua a reflexão sobre o teólogo. É alguém que recebe estranho chamado para ser aventureiro, pirata, místico e sábio. A aventura – etimologicamente *ad+venturam* = em direção ao futuro – do teólogo significa permanente conversão no sentido de não deixar “embalar-se na angústia de possuir mais e mais para si mesmo”, porque aí perceberá menos e menos do que realmente está aí, diz Agostinho.

Teologia é abertura para uma realidade que se trai, mas permanece sempre maravilhosamente inabarcável. Escapa de todo enquadramento. É um pensamento pela via analógica. Está aí a imagem do pirata. O teólogo se comporta como pirata no tocante às palavras. Sente-se seduzido por Deus a lançar-se para além do uso normal das palavras, muito restrito para ele. A perspectiva mística leva-o a interpretar a realidade em termos de Deus. E finalmente a sabedoria significa pensar por meio dos pensamentos de Deus.

Num terceiro capítulo, o autor estuda a relação entre a fé e o ensino da teologia. Distingue logo de início a fé como ensinamentos que a comunidade recebe e sustenta e o ato de fé. Desenvolve o segundo aspecto. Explana as seguintes afirmações básicas: os objetos da fé cristã servem como uma espécie de treinamento ou aprendizado para o crescimento da compreensão de Deus; existem meios pedagógicos usados por Deus; eles têm a qualidade peculiar de trabalhar na mente dando sentido às coisas; e a inteligibilidade passa antes pela participação na vida de Deus do que pela racionalidade do objeto.

Na segunda parte do livro, o autor estuda três temas centrais. Primeiramente aborda a questão da salvação. Ela se apresenta como o ponto de partida. Alguém pode perguntar: por que não a criação? Porque conhecemos a Deus em Jesus Cristo pelo Espírito Santo. E tal

encontro o chamamos de salvação. E ela é a base para a teologia cristã e permite diferentes aproximações. De que somos salvos? Para que realidade somos salvos? Quais os meios pelos quais a salvação se realiza? Qual é amplitude da meta salvífica? Questões que o autor desenvolve.

Em outro capítulo, avança a compreensão de salvação, ao recorrer a autores como a Santo Irineu, na relação entre salvação e nova criação, a Santo Agostinho, no confronto com a justiça de Deus, a Santo Anselmo, sob o aspecto da ordem divina. Para além desses autores clássicos, ele aventura assinalar ulteriores caminhos de nosso tempo. Trabalha o significado da paixão e morte de Jesus que oferece aproximações para o mistério da salvação cujo grande evento é a ressurreição e glorificação de Jesus. Para tal, recorre à teologia oriental dos ortodoxos, ao feminismo e à consideração de René Girard. Elabora a dimensão pascal, cósmica e trinitária da salvação.

Indo mais fundo na vida divina, dedica um capítulo aos temas centrais da Trindade, Encarnação e ao sopro do Espírito. De fato, Deus revela-nos que a vida divina é trinitária. A trindade não é o que pensamos de Deus, mas o que ele pensa de si mesmo. E os cristãos antigos pensaram a sua relação com a Trindade, como perdão e abundância. Foram conduzidos a refletir sobre a vida do Verbo encarnado e sobre o poder do Espírito. A teologia cristã se alimenta da Trindade. Joga com a tensão entre a unidade e a diferença em Deus, enucleia as pessoas divinas como relação. Aprofunda a questão central da encarnação do Logos por meio da categoria da união hipostática. O Concílio de Calcedônia tornou-se marco miliário. Agostinho, com sua teologia trinitária, constituiu-se ponto de referência imprescindível. Plasmou definitivamente a teologia cristã. Nos tempos atuais, a figura de Karl Barth merece atenção. O autor o considera o expoente mais significativo da teologia trinitária no período moderno pela recusa de acomodá-la à virada crítica da modernidade. Precisamente a sua convicção de que o significado de Deus em Cristo é a melhor maneira de interpretá-lo fez seu empreendimento teológico intrigante. Conclui o longo capítulo com questões pioneiras da teologia trinitária atual referentes ao Espírito Santo, ao problema das “pessoas”, ao gênero e sociedade, ao autoabandono e sofrimento trinitário, à dimensão de relacionalidade ontológica e antropológica. Por fim, fecha o capítulo com uma última consideração sobre a trindade e a mística participação em Deus.

O último capítulo toca o problema da vida criatural como caminho para a beatitude eterna. O autor insiste na ótica principal do livro: só

Deus nos ensina realmente teologia, pelo menos, no sentido profundo de participação da compreensão una e trina de Deus. Nesse capítulo de toque escatológico, a morte perde seu domínio em nome do caminho da criação à luz da Páscoa. A autocomunicação trinitária se torna o fundamento da liberdade criatural. A revelação e o sacramento existem em função da comunhão.

Tudo começa com os eventos de Jesus e do Espírito, que permitem transformar os ensinamentos de Deus em compreensão de Deus e assim pensar de acordo com o modelo trinitário autocomunicativo que deu existência às criaturas. Então entendemos o que seja a vida humana, a vida eclesial e a beatitude. Pois no espelho da trindade autocomunicativa, as criaturas são elas mesmas no nível da criação, da revelação e da participação sacramental do evento eterno de comunhão. O autor recorre a Santo Tomás como referência para entender por que Deus cria, como ele cria e como se faz presente às criaturas. Breve excursão sobre Blaise Pascal acena para aspectos da condição humana de ser, ao mesmo tempo, anjo e animal. A existência humana se torna inteligível quando a consideramos como criados para viver em amizade com Deus, mas peregrinando num deserto onde crescemos perdidos. Ele salienta esse paradoxo existencial.

Os desafios finalmente vêm de duas questões disputadas de pensar trinitariamente a Igreja e de entabular o diálogo entre teologia e ciência. O autor permite ao leitor mover-se para uma mais profunda compreensão do em que os cristãos creram e ensinaram através dos séculos. Mais: permite-lhe saborear uma espécie de ensino teológico e pesquisa que encontram a forma perfeita não simplesmente na sala de aula, mas na vida de comunhão com Deus. Nela os cristãos pensam consistir o próprio céu.

Em estilo bem saxônico, o autor consegue unir exemplos e chamadas às realidades simples e imediatas, como comparações, a fim de entender as reflexões teóricas elaboradas. A intuição principal que preside o livro ajuda o teólogo a não se prender unicamente ao conhecimento do objeto teológico, mas a ir fundo na experiência da própria vida de Deus.

Uma linguagem viva, pedagógica e elaborada embeleza o livro. Revela bom conhecimento das fontes tradicionais e da teologia moderna, fazendo uso acertado de ambas.